



Ilustração: iStockphoto

# O ERRO CAPITALISTA E A ILUSÃO DE ROBIN HOOD

OS ESTADOS UNIDOS ESTÃO ERRANDO NO QUE SE REFERE A INOVAÇÃO E TODOS QUE OS COPIAM (COMO O BRASIL) TAMBÉM; SEU MODELO NÃO GERA UM TRABALHO NOVO E, PORTANTO, NÃO CRIA EMPREGOS NÃO EXPORTÁVEIS, O QUE DEVERIA SER A META PRIMORDIAL. PARA BENEFICIAR A ECONOMIA, A INOVAÇÃO REQUER UM CONTEXTO RADICALMENTE DISTINTO, COM MUDANÇAS EM MÉTRICAS DE DESEMPENHO INDUZIDAS PELO GOVERNO (OS PROGRAMAS ROBIN HOOD SÓ ESCONDEM OS PROBLEMAS). **POR SILVIO MEIRA**

**C**layton Christensen fez a “pergunta do ano” antes da eleição norte-americana em 2012: ganhe quem ganhar, quando é –mesmo, e sob que condições– que a economia voltará a crescer?

A pergunta é fundamental para qualquer país, em qualquer estágio de desenvolvimento e performance, pois crises econômicas são parte de ciclos de longo prazo e, mais cedo ou mais tarde, hão de ser tratadas em todo lugar. E deveria ser reflexão obrigatória, de candidatos a empreendedor a membros de todos os poderes (não só o executivo), pois é nas condições que o Estado impõe à sociedade que está boa parte do suporte à inovação.

Você duvida do papel do Estado na inovação e no empreendedorismo de hoje? O livro *Innovation: the Missing Dimension* não deixa dúvida de que boa parte da inovação e empreendedorismo, especialmente quando capaz de (re)criar o desenvolvimento econômico e social de longo prazo e em larga escala, ainda depende fundamentalmente de políticas públicas. E pasme: assim como o Brasil, embora em diferentes

níveis, os EUA sofrem da falta de políticas públicas para inovação desde pelo menos 2004 e, de lá para cá, quase nada mudou (deu no que deu) e não há sinais de que vá mudar... (Christensen está seguro disso, a menos que se tomem providências estruturais profundas.)

## REAL PROBLEMA

Pense em três macrotipos de inovação:

- Inovações de categorias de produtos e serviços, explorando novos mercados, com novas tecnologias. Trata-se da transformação de produtos e serviços complicados e muito caros (ou inexistentes) em coisas simples e universais, como o Amazon Kindle e a série “i” da Apple. Tal classe gera trabalho porque demanda novas competências e, em geral, mais gente para criar, fazer, vender, distribuir e cuidar da manutenção dos produtos.
- Inovações de substituição, da “próxima geração” de produtos e serviços, que permitem o crescimento no mesmo mercado ou a entrada em

mercados adjacentes. Esse tipo de inovação não necessita de mais gente (no mercado de trabalho, no total), pois os produtos e serviços resultantes normalmente substituem outros (que saem do mercado), de classe “inferior” ou “anterior”. Aí, como quem compra o novo deixa de comprar o velho... não há mais trabalho a ser feito –talvez haja menos.

- Inovações de eficiência, associadas a melhorias, extensões, variantes e reduções de custo em linhas de produtos do mercado atual, que liberam capital empatado em processos ineficientes, mas não geram empregos.

As inovações de eficiência estão ligadas ao curto prazo, enquanto as de substituição remetem ao médio prazo e as que geram novos tipos de consumo têm a ver com o longo prazo. De acordo com Christensen, a doutrina ensinada nas “grandes escolas” dos EUA, bem entendida por executivos e pelo governo de lá (e amplamente copiada no mundo inteiro, inclusive aqui), fomenta principalmente a ino-

vação de eficiência de curto prazo, em muito larga escala, em detrimento do médio e longo prazos. Exemplo prático e próximo? É o nosso BNDES, que capta recursos a custos maiores do que oferece e investe em negócios de que a iniciativa privada daria conta (com sobra). Por que ele faz isso?

Porque há dinheiro demais na economia mundial. No capital, escassez se tornou abundância, mas a doutrina de tratar o capital como componente essencial e escasso de um negócio não mudou. E, em resultado, o capital liberado pelo ciclo de inovações no curto prazo é reinvestido no... curto prazo.

É a mentalidade que leva ao outsourcing de trabalho para a China, como a Apple faz em muito larga escala, no caso norte-americano, tendo como consequência um monte de dinheiro nos cofres da companhia e nenhum emprego fabril nos EUA. Injetar mais dinheiro em inovação de curto prazo não provoca mudanças significativas no estado da economia, em outras palavras. E a crise, que deveria ser conjuntural (como tantas antes), tornou-se, agora, estrutural.

E no caso brasileiro? Vou citar Christensen quando ele diz que os projetos “Robin Hood” de muitos governos, ao taxar os ricos e distribuir o resultado aos menos favorecidos, são voos de galinha: ao criar a ilusão de “melhora” da economia, pelo aumento do consumo imediato, as medidas escondem os problemas reais, que são a ineficiência e a ineficácia do sistema de regeneração econômica. Você sabia que o Brasil de 2010 tem a mesma produtividade de serviços de 1960?

## SOLUÇÃO ÚNICA

Não ter um pensamento estratégico nacional para inovação de longo prazo quer dizer que, no Brasil, não se faz quase nada que possa gerar algum tipo de “novo” trabalho, que só pode ser feito aqui, porque o conhecimento e a capacidade de execução estão aqui. Os contraexemplos de empresas que investem em inovação de longo prazo são os mesmos há décadas, reparou? E

novos setores da economia, como software e genética, associados ao longo prazo em qualquer lugar, não têm vez no que se poderia chamar de “pensamento nacional”, público ou privado.

A solução? É convencer executivos privados e públicos (talvez você, que me lê neste instante?) viciados em ser muito bem remunerados por resultados no curto prazo e com pouco risco a gerir negócios de maneira a criar mais oportunidades no longo prazo.

Uma coisa é clara: o comportamento dos executivos não vai mudar se não mudarem as regras do jogo; e os executivos não têm qualquer interesse em mudar as regras. E por que mudariam? É impossível haver mais inovação de longo prazo sem mudanças no contexto. Então, a solução é mudar o contexto. Mas mudar como?

Volto a Clayton Christensen: é preciso mudar a forma como métricas do tipo Rona [retorno sobre ativos líquidos, na sigla em inglês], Roce [retorno sobre o capital empregado] e IRR [taxa interna de retorno] são usadas nos negócios, o que significa mudar a forma de o “sistema” tratar o capital.

Usando a IRR como exemplo, a taxação do capital atual, em quase todo o mundo, faz com que a maior parte do investimento venha para o horizonte de inovação de curto prazo. Ainda por cima, a inovação de curto prazo promove retornos rápidos com pouco investimento. E se confunde, em alguns cenários, com certa inovação capaz de “gerar valor”. (Pode ser até valor para o executivo na forma de bônus, antes de ir para a próxima empresa.)

Mudar a cultura de índices de performance das empresas é, portanto, a solução. Isso pode ser induzido por mudanças, do governo, no tratamento dado ao capital empreendedor, diminuindo ou tornando negativos os impostos sobre investimentos no longo prazo, na inovação radical. Sim, o Brasil tem uma Lei de Inovação, do Bem, da Informática... mas estamos falando de outra coisa: para que haja renovação continuada das bases da economia e do desenvolvimento social, é preciso

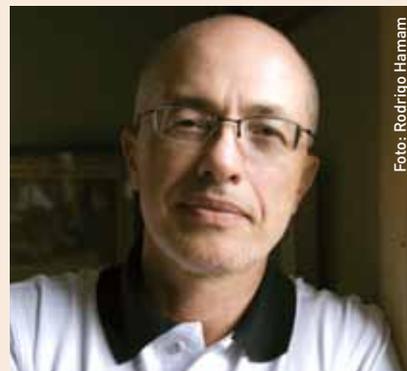


Foto: Rodrigo Hamann

“O CAPITAL LIBERADO PELAS INOVAÇÕES NO CURTO PRAZO É REINVESTIDO NO... CURTO PRAZO”

**Silvio Lemos Meira, o terceiro colunista desta seção, é cientista-chefe do C.E.S.A.R., um dos maiores centros de inovação do Brasil, que cria produtos, serviços e empresas com tecnologias da informação e comunicação. Entre os clientes de seus projetos e serviços estão Samsung, Whirlpool e Fiat. É professor de engenharia de software da Universidade Federal de Pernambuco e membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República. Atualmente é fellow em Harvard.**

um conjunto coerente de medidas e mudanças, em todo o espectro regulatório, para promover um aumento da competitividade sistêmica. Nossa produtividade de 1960 só será atualizada pela via, quase certamente única, das inovações radicais, de muito longo prazo e, talvez principalmente, inovações sociais, mudando os comportamentos de todos os agentes no mercado (inclusive da política e das ideias)...

HSM Management